

CONTRADIÇÕES E ENQUADRAMENTOS DAS CIDADES MÉDIAS AO PROCESSO DE MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL

Gilberto Alves de Oliveira Júnior

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UnB

Bolsista CAPES

gilberto.aoj@gmail.com

RESUMO

A partir do final da década de 1970 com a crise de acumulação do capital implicando num processo de reestruturação produtiva, as cidades médias revestem-se de novos atributos que cada vez mais apresentam-se como não mensuráveis sob os critérios quantitativos rígidos que historicamente consubstanciam a definição e classificação desta categoria de cidades. O texto ora apresentado objetiva analisar em que medida a redefinição dos papéis das cidades médias encontra-se embebido de ordens e racionalidades globais e locais que se entrecruzam e se interpenetram visceralmente através da atribuição de novos papéis aos territórios não-metropolitanos frente ao processo de mundialização do capital. Nesta direção, deve-se compreender não apenas como as cidades médias são subsumidas ao processo de mundialização do capital, ou apresentar modelos para que estas cidades sejam subsumidas de forma mais profícua ao processo subjugando ao anonimato outras questões que permeiam o contexto, mas debater e questionar as contradições subjacentes a este processo e seus resultados quanto ao enquadramento destas cidades.

Palavras-chave: Cidades médias; Mundialização do capital; Dinâmica econômica

CONTRADICTIONS AND FRAMING OF THE MEDIUM-SIZED CITIES TO THE MUNDIALIZATION OF THE CAPITAL

ABSTRACT

From the end of the decade of 1970 with the crisis of accumulation of the capital implying in a process of productive reorganization, the medium-sized cities are armed **with** new attributes that each time more are presented as not measurable under the rigid quantitative criterion that historically substantiate the definition and classification of this category of cities. The presented text have the objective to analyze where measured the redefinition of the functions of the medium-sized cities one meets involved of the orders and rationalities global and local that intercross and intermingle viscerally through the attribution of new functions to the non-metropolitans territories front to the process of mundialization of the capital. In this direction, it must be understood not only as the medium-sized cities are integrated to the process of mundialization of the capital, or to present models so that these cities are integrated of form more profitable to the process overwhelming to the anonymity other questions that permeate the context, but to debate and to question the underlying contradictions to this process and its results how much to the framing of these cities.

Keywords: Medium-sized cities; Mundialization of the capital; Economic dynamics.

APONTAMENTOS INICIAIS

A partir do final da década de 1970 com a crise de acumulação do capital implicando num processo de reestruturação produtiva, as cidades médias revestem-se de novos atributos que cada vez mais apresentam-se como não mensuráveis sob os critérios quantitativos rígidos que historicamente consubstanciam a definição e classificação desta categoria de cidades.

O debate em torno destas modificações em nível mundial tem sido sintetizado como o debate acerca da globalização. Tal fato constitui a globalização como uma temática explorada em diversas perspectivas teóricas e ideológicas, portanto expressivamente controversa e candente, sobretudo por ser um tema primaz no processo de compreensão do movimento da totalidade social na atualidade e, por conseguinte, dos processos de urbanização e de reprodução do espaço urbano.

Decerto, as modificações iniciadas neste período possuem estreita relação com os interesses e as próprias estratégias locacionais do capital, particularmente quanto ao acirramento da concorrência no contexto atual e a necessidade de manutenção do padrão de acumulação alcançado em décadas anteriores, sobretudo após a segunda guerra mundial. Nesta perspectiva, compreende-se a globalização enquanto fenômeno engendrado por uma nova etapa do desenvolvimento do capitalismo, fenômeno este fundamentalmente sócio-histórico e, portanto, nas condições atuais, repleto de contradições que permeiam e complexificam processos de âmbito econômico, político, espacial, dentre outros.

Sob a premência deste debate, nota-se que as modificações econômicas atuais apresentam uma dimensão privilegiada para a análise dos novos papéis desempenhados pelas cidades médias, tendo, portanto, contribuído decisivamente no que tangue às alterações recentes nestas cidades.

Nesta direção, o presente artigo objetiva analisar em que medida a redefinição dos papéis das cidades médias encontra-se embebido de ordens e racionalidades globais e locais que se entrecruzam e se interpenetram através da atribuição de novos papéis aos territórios não-metropolitanos frente ao processo de mundialização do capital. Assim, cumpre procurar apreender as modificações recentes que ocorrem nas cidades médias como “um incessante processo de entropia [que] desfaz e refaz contornos e conteúdos dos subespaços, a partir das forças dominantes” (SANTOS, 1996, p. 226).

O movimento atual da dinâmica econômica atribui novos papéis aos territórios não-metropolitanos frente ao processo de mundialização do capital, dentre os quais se destacam as cidades médias, por apresentarem os requisitos necessários às novas necessidades de alocação do capital. A análise desses novos papéis fundamenta uma crescente importância pelo estudo das cidades médias, bem como da própria relevância que estas cidades vêm adquirindo nas últimas décadas para a reestruturação urbana e regional do território brasileiro, fato que se deve, principalmente, ao desempenho produtivo desta categoria de cidades para a economia.

Desta forma, tem-se verificado atualmente que tanto a centralidade quanto a intermediação entre escala local e global - características essenciais na definição das cidades médias — sofrem modificações em diferentes intensidades no contexto do processo contemporâneo de reestruturação econômica do capitalismo em nível mundial, que também atribui novos papéis às cidades médias no processo de reprodução e acumulação do capital. Este contexto em certa medida as redefine e, por conseguinte, abre novas perspectivas para analisar esta categoria de cidades.

Isto porque as nuances e imbricações espaço-temporais (de)compostas e recompostas pela desigualdade e diferenciações inerentes ao/no processo de (re)produção social do espaço condicionam, assim como também (re)arranjam os papéis atribuindo nova relevância das cidades médias na rede urbana em diferentes escalas, nas quais se articulam e se interpenetram questões políticas, econômicas, culturais, etc.

O estudo do desenvolvimento econômico das cidades médias brasileiras tem revelado uma configuração espacial mais equilibrada e estável, possibilitando fortes vínculos inter e intra-urbanos que se complexificam. Porém, esse processo não se realiza sem enfrentar (e expressar

materialmente) as contradições e limites apresentados pelas preferências locacionais dos setores dominantes da economia local e dos padrões de mobilidade do capital e da mão-de-obra. Assim, muitas das cidades médias tendem a assumir o papel de agentes da modernidade dentro da economia local e regional, assim como, por outro lado, passam a localizar e (re) produzir os bolsões de pobreza e periferias de baixa renda.

Com essa preocupação, muitos estudos de geografia urbana têm surgido procurando explicar as transformações recentes por que passam as cidades médias com intuito de embasar as ações das políticas urbanas, as quais, segundo vários autores, não têm refletido adequadamente às necessidades das diversas classes sociais urbanas.

Notas acerca da mundialização do capital

Antes de qualquer coisa, ressaltamos que não é atribuição deste artigo uma discussão aprofundada de forma a delinear com rigor e precisão as diferenças conceituais que permeiam a utilização dos termos globalização ou mundialização para caracterizar os processos sociais, políticos, econômicos e espaciais que tem-se desenvolvido em nível mundial sobretudo a partir do final da década de 1970 com a reestruturação produtiva do capitalismo. Entretanto, ao optar por um dos termos em debate, cumpre apontar algumas questões que sintetizam nossa escolha.

Nesta direção, nossa abordagem constitui-se fundamentada na compreensão da globalização enquanto fenômeno engendrado por uma nova etapa do desenvolvimento do capitalismo, fenômeno este fundamentalmente sócio-histórico e, portanto, nas condições atuais, repleto de contradições e processos complexos de âmbito econômico, político, espacial, dentre outros.

De acordo com Alves (2001), a globalização se apresenta como um processo contemporâneo composto por três dimensões indissociáveis que compreendem uma totalidade histórico-social intrinsecamente contraditória. Estas três dimensões propostas pelo autor seriam (1) a globalização como ideologia, (2) a globalização como mundialização do capital e (3) a globalização como processo civilizatório humano-genérico.

As dimensões da globalização são contraditórias entre si, tendo em vista que [...] a *ideologia* (e a *política*) da globalização tende a “ocultar” e legitimar a lógica desigual e excludente da *mundialização do capital* e a *mundialização do capital* tende a impulsionar, em si, o *processo civilizatório humano-genérico*, isto é, o desenvolvimento das forças produtivas humanas, que são limitadas (ou obstaculizadas) — pelo próprio conteúdo da mundialização (ser a mundialização do *capital*) (ALVES, 2001, p. 73-74, grifos do autor).

A dimensão ideológica da globalização diz respeito ao que o autor denomina de “operação ideológica” (ALVES, 2001, p. 31), compreendendo tendenciosamente às formas de ocultar a natureza histórica e política subjacente ao processo de mundialização do capital, e desta forma servindo para disseminar (e cristalizar) a idéia de globalização como um processo “natural” e inevitável, ao qual devemos não questionar, mas nos adaptar, e que engendra e é engendrado por um processo homogêneo e homogeneizador que, por sua vez, conduz ao progresso econômico e social e ao bem-estar universal, além da consolidação da democracia em escala mundial e à progressiva desaparecimento do Estado-nação.

Nesta direção, esta dimensão é a que constrói uma idéia de globalização subtraída da totalidade histórico-social que conduz o processo num direcionamento contrário à homogeneização, posto que sob os pressupostos, conflitos e contradições do capital prementes na reprodução da totalidade social o processo é, ao contrário, “desigual e combinado, seletivo e excludente, [tendendo] a acentuar a desigualdade, a exploração e a exclusão universal” (ALVES, 2001, p. 31).

Assim, é nesta dimensão que se encaixariam os termos “aldeia global”, “cultura global”, dentre outros.

Ainda neste ponto, é fundamental destacar também que o discurso envolto à noção de progressiva desaparecimento do Estado oculta a desregulamentação das relações de trabalho em escala mundial, bem como a espoliação de direitos sociais historicamente adquiridos servindo à mundialização do capital. Isto traz à luz a contradição entre a criação do denominado Estado mínimo no que tange às

necessidades dos trabalhadores e massas populares, ao mesmo tempo em que ocorre a criação de um Estado máximo direcionado ao atendimento dos interesses de reprodução e acumulação do capital financeiro global, compreendendo também, nesta dimensão, o discurso predominantemente neoliberalista.

Acerca da dimensão do processo de globalização denominada de mundialização do capital, é inevitável realizar um destaque essencial à forma adjetivar a mundialização como “do capital”, posto que se o que ocorre é uma mundialização do capital, este processo encontra-se embebido de significações decorrentes do próprio processo de reprodução e acumulação do capital que se redimensiona ao transformar sua dinâmica econômica, social e, inclusive, espacial.

Isto evidencia que a utilização do termo “globalização” oculta algo, isto é, o seu próprio caráter seletivo, sua própria natureza de mundialização *do capital*” (ALVES, 2001, p. 79). Nesta direção, depreende-se que a mundialização do capital é o verdadeiro significado histórico da globalização ou que a globalização, antes de qualquer coisa, é a mundialização do capital, embora muitas vezes tal noção seja suprimida sob diferentes pretextos para a construção de um discurso ideológico da globalização.

Desta forma, o debate em torno da globalização a constitui como uma temática explorada em diversas perspectivas, portanto expressivamente controversa e candente, sobretudo por ser um tema primaz no processo de compreensão do movimento da totalidade social na atualidade e, por conseguinte, dos processos de urbanização e de reprodução do espaço urbano.

As rupturas impelidas pela crise capitalista contemporânea que Alves (1999) denominou de uma descontinuidade posta no interior de uma continuidade plena e perversa², pela permanência e aprofundamento das contradições e dos “mecanismos” de ocultá-las, vem a instaurar enquanto tendência que as próprias vicissitudes desta etapa do desenvolvimento capitalista que incidem na natureza dos processos de reprodução e acumulação do capital se estendam mais *verozmente* para a sociabilidade, metamorfoseando-a, pois é desta forma que o capital cria e recria a sociabilidade na modernidade, fazendo com que as contradições do processo de acumulação do capital permeiem as relações sociais, de modo que estas são/estão constrangidas pelo capital.

Assim, é preciso apreender o capital, e seu movimento, para além da dimensão da economia, embora esta seja de extrema relevância, haja vista que “o *capital* é, antes de tudo, uma *relação social* de produção (e reprodução) da vida material, complexa e articulada, voltada para a valorização do valor (ou seja, a *acumulação perpétua de riqueza abstrata*)” (ALVES, 2001, p. 55, grifos do autor).

Neste sentido, para compreender e analisar com maior clareza esse processo é necessário escapar da tentação de analisar as mudanças atuais apenas sob a sua dimensão produtiva, que estariam estritamente vinculadas com o movimento de reestruturação provocado pela crescente e contínua substituição dos processos tayloristas/fordistas pela denominada acumulação flexível.

Por isso, é essencial apreender a indissociabilidade da mundialização do capital com a terceira dimensão da globalização, analisando a globalização, também, como um processo civilizatório humano-genérico, entendendo o capital, como observa Alves (2001, p. 94), “como agente histórico da modernização universal”.

Esta dimensão através da indissociabilidade visceral com a mundialização do capital caracteriza-se, dentre outras questões, pela tendência deste processo “criar necessidades sociais completamente novas, [...] tanto por sua origem, quanto por seu conteúdo” (ALVES, 2001, p. 101). Estas necessidades estão atreladas ao crescimento e desenvolvimento do mundo objetual ampliado enquanto processo de objetivação do ser humano-genérico através do trabalho que, por ser

² Isto porque, de acordo com Alves (2001, p. 47), a crise do capitalismo engendrada em meados da década de 1970 tendeu a constituir uma dinâmica qualitativamente nova de produção capitalista, contudo esta encontra-se subjacente a uma continuidade plena da lógica de expansão do capital, não rompendo em momento algum com esta.

processo de valorização do capital, ao (re)criar novos objetos (mundo objetual) tende, de acordo com Alves (2001, p. 113), “a impor a homens e mulheres novas condições de sociabilidade”.

Portanto, a mundialização do capital é o “eixo central” do processo denominado por globalização, sob o qual fundamenta-se uma ideologia que extirpa do real sua totalidade histórico-social justificando práticas políticas e econômicas, e do qual decorre um processo civilizatório humano-genérico com severas implicações, sobretudo no trabalho, nas práticas e no cotidiano social.

Mundialização e cidades médias

Acerca do âmbito espacial do processo de mundialização do capital, Llop Torné; Bellet Sanféliu (1999) observam este processo se territorializa tecendo redes globais que se configuram a partir das denominadas cidades globais e das principais metrópoles mundiais e nacionais. Isto se deve ao fato de que estas cidades controlam as funções superiores e de direção do sistema, ou seja, os principais fluxos de informação e capital.

Nesta direção, os sistemas territoriais urbanos no processo de globalização caracterizam-se essencialmente por uma acentuada polarização pois não se desenvolve de forma equilibrada no território, fato que tende a penalizar as cidades médias, apesar de que, como sugerem os autores, por outro lado abrem-se oportunidades a estas cidades de resituar-se na rede global, essencialmente porque no contexto da globalização o tamanho das cidades teria uma importância pequena, dependendo do posicionamento geográfico das cidades e das possibilidades de conexão em redes e fluxos.

Llop Torné; Bellet Sanféliu (1999) se dispõem a percorrer um debate em torno do desenvolvimento sustentável das cidades intermédias como forma de inserção destas cidades nas redes e fluxos globais. De acordo com os autores, a inserção das cidades intermédias nestas redes depende, primordialmente, de uma mudança na forma de gestão destas cidades, posto que classifiquem como pontos essenciais, dentre outros, as estratégias de especialização competitiva e a capacidade de adaptação às inovações pensando estrategicamente em atuar sobre o local mas pensando no global.

Corroborando com esta perspectiva, Costa (2002) afirma que no sistema global as cidades médias, bem como o restante dos territórios não metropolitanos, enfrentam grandes desafios para se afirmarem e se integrarem ao sistema. Tais desafios encontram-se subjacentes e inerentes à capacidade que estas cidades possuem de internacionalização e integração nas redes econômicas de natureza global e local.

Sob outra vertente analítica acerca da inserção desta categoria de cidades ao processo de mundialização do capital, Sposito (2006) considera que as modificações econômicas atuais apresentam uma dimensão privilegiada para a análise dos novos papéis desempenhados pelas cidades médias, e que têm contribuído decisivamente no que tange as alterações recentes nestas cidades.

Para a autora, o princípio da proximidade — considerando-se o tempo necessário aos deslocamentos e não apenas a distância — é importante na apreensão das cidades médias, por serem estas espaços que se estruturam como área ou região. Contudo, no período atual a proximidade, mesmo relevante, se coaduna necessariamente à ampla gama de possibilidades oriundas da conectividade. Tal fato se deve essencialmente ao crescimento das telecomunicações que relativiza o “peso ou necessidade de deslocamentos materiais para realizar uma parte das funções necessárias à vida de uma sociedade, em seu sentido econômico, político, cultural e social” (SPOSITO, 2006, p. 3).

Isto significa, dentre outras questões, que a inserção dos espaços em redes de articulações de diferentes escalas espaciais faz com que o espaço de relações das cidades médias não necessite necessariamente de continuidades territoriais. A partir disso, Sposito (2006b) aponta que a compreensão da redefinição dos papéis das cidades médias frente à mundialização do capital deve considerar a conectividade e as relações de duas naturezas de fluxos articuladas entre si, os fluxos materiais e imateriais, e os de transportes e telecomunicações.

[Nesta direção,] é provável que, paralelamente à manutenção dos papéis regionais das cidades médias, de elos entre as cidades maiores e menores, a partir de fluxos de natureza hierárquica, tenham se estabelecido novos papéis, desenhados por fluxos de outros tipos, orientados por dinâmicas de complementariedade ou de concorrência entre cidades da mesma rede ou de redes urbanas diferentes (SPOSITO, 2006, p. 6).

Assim, por seu caráter e natureza espaço-temporal, a mundialização do capital promove uma intensificação frenética que se expressa, dentre outras formas, na justaposição, entrecruzamento e articulação de escalas espaciais na escala intra-urbana que multiplica e complexifica a conjugação entre o tempo e o espaço, evidenciando a necessidade de complementariedade de diferentes escalas para a apreensão das especificidades do espaço intra-urbano, cuja análise deve revelar e se apropriar das contradições que se acentuam e, ao mesmo tempo, se ocultam no processo de produção do espaço.

Neste sentido, a unidade espaço-temporal é consubstanciada por novas e velhas contradições (ou contradições redimensionadas e aprofundadas) que se (re)articulam continuamente no movimento da totalidade social, na qual ambas as dimensões do real (espaço e tempo) conjugam a si mesmas com maior complexidade, o que intensifica a complexidade quando estas dimensões se conjugam para revelar sua unidade, posto que espaço e tempo são/estão visceralmente imbricadas. Em outras palavras, o espaço conjuga a si mesmo assim como o tempo conjuga a si mesmo, e quando a articulação para revelar a unidade de cada uma dessas dimensões isoladamente se torna mais complexa, intensifica-se a complexidade quando as dimensões se conjugam (o espaço conjugando o tempo) revelando a unidade do real dentro do movimento inerente ao processo de (re)produção da totalidade social.

Por isso a análise das cidades médias orientada exclusivamente na/pela escala intra-urbana ou mesmo em áreas de contigüidade territorial destas cidades, pode aferir verdades incompletas ou mescladas em equívocos. No lugar se realizam relações distanciadas que o lugar consegue ocultar ou não. Neste sentido as escalas espaciais se interpenetram, intercalando assim escalas temporais com maior complexidade na medida em que os fragmentos temporais que constituem a unidade do lugar são decompostos e recompostos aderindo múltiplas escalas temporais espacialmente distantes mas justapostas no local e a ele articulado, articulando a reprodução e a acumulação do capital.

Acerca dos principais processos contemporâneos, neste contexto de natureza espaço-temporal, que redefinem os papéis das cidades médias, Sposito (2006) aponta para serem os mais significativos os processos que se enquadram em duas vertentes: concentração e centralização econômica e a melhoria e diversificação dos sistemas de transportes e telecomunicações.

Para a autora, esta primeira vertente de processos caracterizada pela concentração e centralização econômica constitui-se pela emergência de novos meios técnicos e informacionais que vem possibilitando novas estratégias e lógicas de atuação das empresas de diferentes portes. Nesta direção:

a análise desses processos interessa na medida em que tanto a concentração como a centralização econômicas requerem e propiciam (des)concentração espacial e/ou centralização espacial dos capitais, o que implica novas estratégias por parte de empresas, grupos econômicos ou conglomerados (SPOSITO, 2006, p. 8).

Isto se verifica, a título de exemplo, com a desconcentração espacial de variados ramos de atividades produtivas das metrópoles para cidades de médio porte. Este processo, se por um lado altera ou amplia os papéis urbanos das cidades médias caracterizando a desconcentração espacial, por outro lado amplia também os papéis da metrópole, pois gera uma (re)centralização dos capitais no que tange à localização dos centros de comando, o que implica essencialmente na centralização do capital financeiro (SPOSITO, 2006). Disso depreende-se que no momento atual "a lógica do capital industrial é redefinida, produz-se um deslocamento, no espaço, dos

estabelecimentos industriais sem que essa desconcentração traga, consigo a descentralização do capital” (CARLOS, 2005, p. 30).

No caso brasileiro, de acordo com Botelho (2002), na década de 1970 a região metropolitana de São Paulo chegou a participar com 44% da produção industrial do país. Contudo, entre a década de 1970 e 1990, a participação do interior paulista na produção industrial estadual subiu de 25% para 47%.

Ao analisar as indústrias automobilísticas, o autor confirma que a desconcentração também se expressa na localização das novas indústrias e dos novos investimentos do setor em cidades de porte médio, havendo uma desconcentração também para outros estados e regiões da federação. Exemplos desse processo são os casos da General Motors em Gravataí-RS, da Audi/Volkswagen e Renault em São José dos Pinhais-PR, da Mitsubichi em Catalão-GO, da Ford em Camaçari-BA, dentre outros exemplos que expressam uma mudança ou diversificação na escolha de localização dos investimentos do setor industrial no país a partir da década de 1980.

A outra vertente analisada por Sposito (2006b) compreende as modificações que se acentuaram a partir da década de 1980 quanto à considerável melhoria e a própria diversificação dos sistemas de transportes e comunicações, que trouxeram implicações no que tange a diminuição de custos com circulação, tanto de mercadorias e informações como de pessoas.

A essas alterações acrescentem-se as possibilidades abertas pela existência de novos tipos de mídia que favorecem a difusão de imagens e de valores que ampliam o consumo e estimulam a expansão territorial de capitais, empresas, grupos e conglomerados, da escala regional, passando pela nacional e chegando à internacional. (SPOSITO, 2006, p. 10).

Deste processo, a autora aponta para a tendência que se instaura com a diminuição dos custos com circulação de mercadorias na constituição dos preços finais, propiciando uma maior mobilidade territorial de equipamentos direcionados ao consumo, e não apenas de setores produtivos. Contudo, como há necessidade de uma determinada densidade de consumidores para que certa localidade seja interessante para investimentos dos capitais que se desconcentram, as cidades médias apresentam-se como espaços privilegiados de alocação destes investimentos, dos quais decorre o fortalecimento do papel destas cidades no que tange ao oferecimento de funções, bens e serviços aos moradores da sua hinterlândia e de áreas rurais ou urbanas mais ou menos distantes. Assim, este processo implica no reforço ao papel das cidades médias como espaços de consumo locais e regionais, reforçando a centralidade e intermediação destas cidades.

Outro aspecto abordado pela autora, diz respeito às modificações do período atual na modernização do setor agropecuário, ocorrendo uma dupla relação espaço-temporal. Isto porque, ao mesmo tempo em que o setor exige relações espaciais marcadas pela contigüidade e sob domínio de uma cidade média, por outro lado exige também relações de sobreposição e articulação com outras escalas espaciais não definidas pela contigüidade, resultantes, sobretudo das modernas formas de comunicação.

Contudo, por último, Sposito (2006) propõe uma compreensão das cidades médias que relacione essencialmente duas vertentes analíticas supracitadas, os processos decorrentes da concentração e centralização econômica conjugados com a melhoria e diversificação dos sistemas de transportes e telecomunicações. Isto implica em considerar as (novas) formas contemporâneas com que as atividades econômicas dos diversos ramos comerciais e de serviços vêm se organizando espacialmente “como parte de um processo de concentração econômica que se acompanha de desconcentração espacial” (SPOSITO, 2006, p. 12), bem como as formas de competitividade que se desenvolvem entre as cidades de porte médio para se apresentarem mais rentáveis e propícias para receberem os investimentos que se desconcentram espacialmente.

Desta forma, com a insurgência destes investimentos, modifica-se a dinâmica de produção e estruturação do espaço intra-urbano das cidades médias, bem como também a forma como estas cidades se relacionam e interagem com a sua hinterlândia, com outras cidades médias e com as metrópoles.

Tal abordagem difere, ao menos em certa medida, da realizada por Costa (2002), posto que a autora ao compreender que a função de intermediação das cidades médias no contexto da mundialização do capital depende da sua capacidade relacional e da sua interatividade com os espaços regional, nacional e global, aponta para o fato de que este novo contexto exige necessariamente quadros de desenvolvimento sustentável.

Entretanto, existem também outras discordâncias quanto à proposta de coesão econômica e social aliada à sustentabilidade como fundamental aos objetivos de desenvolvimento das cidades médias, e neste sentido, como já foram colocadas, as análises desenvolvidas por Llop Torné; Bellet Sanféliu (1999) apontam para a necessidade do empresariamento das cidades médias para a inserção destas nas novas redes e fluxos que se tecem no período atual.

Nesta direção, é importante ter a compreensão da diferença destas abordagens e o sentido ideológico que se encontram implícitos aos modelos de gestão do espaço urbano e sua relevância para a reprodução e acumulação do capital no contexto atual, fazendo uma crítica que possibilite a apreensão de como estes processos incidem na produção e estruturação do espaço urbano em cidades médias e na sua relação com cidades de menor ou igual porte e com as metrópoles, assim como também o porquê, pois a defesa veemente destes modelos termina por ocultar como e porque estes processos realmente ocorrem, esvaziando de conteúdo um debate mais relevante.

Deve-se compreender não apenas como as cidades médias são subsumidas ao processo de mundialização do capital, ou apresentar modelos para que estas cidades sejam subsumidas de forma mais profícua ao processo subjugando ao anonimato outras questões que permeiam o contexto, mas debater e questionar as contradições subjacentes a este processo e seus resultados quanto ao enquadramento destas cidades.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Trabalho e mundialização do capital**: a nova degradação do trabalho na era da globalização. Londrina: Práxis, 1999.

_____. **Dimensões da globalização**: o capital e suas contradições. Londrina: Práxis, 2001.

BELLET SANFÉLIU, C.; LLOP TORNÉ, J. M. Ciudades intermedias: entre territorios concretos y espacios globales. **Ciudades y territorio - estudios territoriales**, Madrid, v. XXXVI, n. 141-142, 2004.

BESSA, Kelly Cristine. Reestruturação da rede urbana brasileira e cidades médias: o exemplo de Uberlândia (MG). **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 6, n. 16, 2005.

BOTELHO, Adriano. Reestruturação produtiva e produção do espaço: o caso da indústria automobilística instalada no Brasil. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, n. 15, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A reprodução da cidade como “negócio”. In: CARLOS, Ana Fani A.; CARRERAS, Carles. **Urbanização e mundialização**: estudos sobre a metrópole. São Paulo: Contexto, 2005.

CASTELLO BRANCO, Maria Luisa. Cidades médias no Brasil. In: SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. (Org.). **Cidades médias**: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

COSTA, Eduarda Marques da. Cidades médias: contributos para sua definição. **Finisterra**, Lisboa, XXXVII, n. 74, 2002.

DAMIANI, Amélia Luisa. Cidades médias e pequenas no processo de globalização. Apontamentos bibliográficos. In: LEMOS, A. I. G. de; ARROYO, M.; SILVEIRA, M. L. (orgs.). **América Latina**: cidade, campo e turismo. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

LLOP TORNÉ, J. M.; BELLET SANFÉLIU, C. **Ciudades intermedias y urbanización mundial**. Unesco - UIA - Ministerio de Asuntos Exteriores. Lleida: Ed. Ajuntament de Lleida, 1999.

PONTES, Beatriz Maria Soares. As mudanças do processo produtivo capitalista e suas repercussões nas cidades médias nordestinas. In: SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. (Org.). **Cidades médias**: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. **A natureza do espaço**. São Paulo, Hucitec, 1996.

_____. **Pensando o espaço do homem**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Repensando as cidades médias brasileiras no contexto da globalização. **Formação**, Presidente Prudente, n. 6, 1999.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidade: espaço e tempo (ensaiando a reflexão). **Geografia**, São Paulo, n. 11, 1992.

_____. **Capitalismo e urbanização**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. A urbanização da sociedade: reflexões para um debate sobre as novas formas espaciais. In: DAMIANI, A. L.; CARLOS, A. F. A.; SEABRA, O. C. de L. (orgs.). **O espaço no fim de século**: a nova raridade. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **O chão em pedaços**: urbanização, economia e cidades no estado de São Paulo. Presidente Prudente: [s.n.], 2004. (Tese de Livre Docência).

_____. O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: Seminário Internacional de Estudos Urbanos, 5., 2006, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: PUC-Minas, 2006.

UNITED NATIONS. **World urbanization prospects**: the 2005 revision. New York: United Nations Publication, 2006.